

FÓRMULAS METALINGÜÍSTICAS DA FÁBULA ESÓPICA

Maria Celeste Consolin DEZOTTI*

RESUMO: A articulação da "história" e da "moral" da fábula se faz por meio de operações metalingüísticas. Na fábula esópica anônima, tais operações cabem a verdadeiras construções formulares, cujo funcionamento faz pressupor a existência, na cultura grega, de um paradigma estocado na competência discursiva do falante grego.

UNITERMOS: Fábula esópica; epimítio; fórmula; metalinguagem.

Em seu artigo "A Forma da Fábula", A. D. Lima (4) chama a atenção para o fato de que preocupações com o conteúdo levaram a ver, na fábula, só a "história" e a "moral". Centrando sua análise na forma da fábula, ele pretende recuperar a idéia de "procedimento discursivo", latente em *fala*, significado presente na raiz latina sobre a qual se assenta a denominação *fábula*. Considera, então, que a fábula é um *discurso* e descobre que ela não se compõe de dois enunciados apenas, a "história" e a "moral", mas de três, estando o enunciado da história e o enunciado moral articulados por um terceiro enunciado, que ele denomina *discurso metalingüístico*. Este enunciado expressa-se nas fábulas pelos mais variados expedientes: (i) por frases do tipo "ho mýthos deloi", "testatur haec fabella", "a fábula ensina" etc.; (ii) pela própria palavra *moral* que, disposta no fim da fábula, traria implícita a frase "a moral desta fábula é..."; ou (iii) pela simples mudança de tom (para mais baixo) que se opera na enunciação do enunciado moral. Essa mudança de entonação caracteriza o discurso metalingüístico como um discurso de natureza suprasegmental.

Através do discurso metalingüístico recuperam-se tanto a instância de enunciação do discurso que a fábula é, como a existência do seu enunciador. Esse discurso adquire, pois, o estatuto de marca, presente no enunciado, da enunciação da fábula. "Não ler esse discurso, diz A. D. Lima (4, p. 64), é, no mínimo, deixar incompleta a tarefa lingüística de análise do discurso pelo qual o texto da fábula se atualiza."

* Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800 – Araraquara – SP.

Tomando-se por base essa tripartição do texto da fábula, é interessante observar como se manifesta, na fábula esópica anônima, esse discurso metalingüístico – o mais importante dos três –, pois é ele que funda o ato de fala que a fábula, em última instância, constitui.

Tomou-se para exame o *corpus* de fábulas esópicas anônimas coligidas por Émile Chambry (3) em sua Edição *Minor*. Trata-se de uma coletânea que abriga 358 fábulas esópicas extraídas das três mais importantes coleções de fábulas anônimas legadas pela Antigüidade: a Augustana, a Acursiana e a Casinense ou Vindobonense. Aceita-se que, dentre as três, a primeira é a mais antiga. Adrados (1, p. 5) considera-a uma reelaboração, feita no século V d.C., de uma coleção mais antiga, provavelmente do século I d.C., que, por sua vez, remontaria à primeira coleção de fábulas de que se tem notícia, a coleção de Demétrio de Falero (século IV a.C), dando origem, assim, diretamente ou por contaminação, a quase todas as fábulas posteriores, incluindo-se entre elas mesmo a fábula moderna (2, p. 113). Aí está, pois, uma boa justificativa para o estudo da fábula esópica anônima como forma de se conhecer melhor as etapas de estruturação de um gênero literário que parece ter sofrido, até a atualidade, pouca ou nenhuma alteração.

De acordo com a descrição de A. D. Lima (4), o discurso metalingüístico explicita-se no promítio ou no epimítio da fábula. No caso das fábulas esópicas anônimas, interessa a descrição do *epimítio*, isto é, daquela porção de texto que segue a “história” e que se conhece, tradicionalmente, como a “moralidade” da fábula.

Do conjunto de fábulas coligidas por Chambry (3), 10 destacam-se por apresentar apenas o texto narrativo, isto é, a “história”. É o caso da fábula “Diógenes e o careca” (3, 45), citada, a seguir, em tradução:

“Diógenes, o filósofo cínico, ao ser insultado por um careca, disse-lhe: ‘Eu, de minha parte, não te insulto. Longe de mim tal coisa! Mas eu elogio os teus cabelos, porque foram embora de uma cabeça terrível.’”

As 348 fábulas restantes apresentam, todas elas, texto narrativo seguido de epimítio.

Examinaram-se, então, todos os epimítios dessas fábulas, a fim de se observar qual é a freqüência, neles, de enunciado metalingüístico, e de que expedientes lingüísticos as fábulas se servem para expressá-lo.

A fim de se isolar o enunciado metalingüístico, procedeu-se à decomposição do epimítio em dois enunciados, o metalingüístico e o moral. Considerou-se como *enunciado moral* a porção de texto constitutiva do epimítio que pode ser destacada do contexto sem que se torne, por isso, “sem sentido”, pressupondo-se, pois, que o enunciado moral seja um enunciado que conserva uma certa autonomia, algo como um provérbio ou uma máxima. Para ilustrar esse procedimento, tome-se, como exemplo, o epimítio da fábula “Os carvalhos e Zeus” (3, 46), apresentada a seguir:

“Os carvalhos puseram-se a recriminar Zeus, dizendo: ‘À toa fomos trazidos à vida; pois, mais que todas as plantas, suportamos o golpe violento.’ E Zeus: ‘Vocês mesmos é que acabaram arranjando para si tal desgraça. É que, se vocês não produzissem os cabos de machados e não fossem úteis para marceneiros e lavradores, machado algum iria cortá-los.’

Certas pessoas que são responsáveis pelos próprios males direcionam tolamente a censura à divindade.”

O epimítio dessa fábula constitui um caso raro na coletânea: ele explicita, lingüisticamente, apenas o discurso moral. Este, por sua vez, compõe-se de uma asserção que, retirada do contexto, poderia ser enunciada isoladamente como se fosse uma máxima, sem prejuízo algum de seu significado. Se retirarmos dessa fábula o enunciado moral, ela passará a apresentar apenas o texto narrativo.

Essa fábula, cabe observar, constitui, dentre as fábulas esópicas anônimas, o único exemplo em que o discurso metalingüístico constrói-se por meio de elementos suprasegmentais. Contrastando, porém, com essa ocorrência única, encontra-se a grande maioria dos epimítios, cuja estrutura discursiva permite que se isole o enunciado moral de uma outra porção de texto que não compõe o seu significado. Enquanto o enunciado moral isolado mantém sua autonomia significativa, a porção de texto restante fica “pendente”. É o que se verifica em epimítios como os enumerados a seguir, de (1) a (6), cujas traduções trazem grifados os itens que não compõem o enunciado moral, correspondendo, assim, ao chamado discurso metalingüístico.

- (1) “*Assim*, a competição com os superiores, além de não levar a nada, ainda faz rir das infelicidades.” (3, 5-6)
- (2) “*Assim, também* certos homens que não conseguem realizar seus negócios por incapacidade culpam as circunstâncias.” (3, 17-18)
- (3) “*O discurso mostra que* muitos, por interesse particular, não hesitam de modo algum em dar falso testemunho de coisas impossíveis.” (5, 7-8)
- (4) “*Que* com bens ninguém depara rápido, mas pelos males cada pessoa é a cada passo atingida.” (3, 3)
- (5) “*Pois bem. Portanto, também* nós devemos evitar a amizade daqueles cuja postura é ambígua.” (3, 29-30)
- (6) “*Você está vendo* quanta força tem o mosquito, a ponto de amedrontar até um elefante.” (3, 93)

Vê-se que em (1) é possível destacar-se, como enunciado metalingüístico, o item “assim”, que corresponde, no texto grego, ao advérbio οὕτως. Em (2) destaca-se, além de “assim”, o item “também”, tradução da partícula καί. Em (3) destacam-se

uma oração e a conjunção integrante que marca a condição sintática de subordinação do enunciado moral à oração que o antecede; elas correspondem, no texto grego, a ὁ λόγος δηλοῖ e a ὅτι, respectivamente. Por outro lado, em (4) o texto grego deixa explícito, por meio da conjunção ὅτι, traduzida pela conjunção “que”, que o enunciado moral que ela introduz constitui, do ponto de vista sintático, uma oração subordinada a uma oração principal que está elíptica. Por isso, fez-se questão de manter o “que” na tradução do epimítio para se dar uma imagem exata do modo como o texto grego está elaborado. Caso se excluísse da tradução a conjunção, o epimítio seria apresentado como se fosse composto unicamente de enunciado moral.

Os epimítios (5) e (6) documentam tipos de estruturação de discurso metalingüístico pouco frequentes na coletânea. Em (5), o discurso metalingüístico expressa-se por meio das partículas ἀταρ, οὖν e καί, traduzidas por “pois bem”, “portanto” e “também”, respectivamente. Já em (6), ele se expressa pela forma verbal ὀρας, traduzida por “você está vendo”.

Observa-se, pois, que esses seis tipos de epimítios apresentam uma estrutura discursiva constituída de dois enunciados: um enunciado metalingüístico e um enunciado moral, estando este, na maior parte dos casos, subordinado, sintaticamente, ao primeiro.

Estrutura discursiva bem diversa da encontrada nos epimítios anteriores apresentam os epimítios numerados a seguir, de (7) a (11).

- (7) “*O discurso é oportuno para um homem libertino que se perdeu por causa da luxúria.*” (3, 69)
- (8) “*A um homem presunçoso que não goza de nenhuma consideração junto dos outros, o discurso se aplica.*” (3, 50)
- (9) “*O discurso está dito para aqueles que fornecem contra si próprios razões para sofrerem injustiça.*” (3, 131)
- (10) “*Para homem perverso que empreende tarefas penosas.*” (3, 52-53)
- (11) “*Esta fábula recrimina os ambiciosos que passam a vida no fingimento e na presunção.*” (3, 31)
- (12) “*Esta fábula qualquer um pode usar em relação a um homem ladrão.*” (3, 50-51)

Em todos esses epimítios não há como se delimitar um enunciado moral, potencialmente autônomo. Em vez de explicitarem um enunciado moral, tais epimítios explicitam um *destinatário* específico para a fábula, identificado como o portador de algum tipo de “defeito” moral. Em relação a esse destinatário, fazem-se diferentes *predicações* ao texto narrativo, a que o epimítio se refere ora por meio do termo “discurso” (= λόγος), ora por meio do termo “fábula” (= μῦθος).

Em (7) e (8), atribui-se ao “discurso” um predicado de estado, expresso por adjetivo+verbo de ligação, como em (7), ou por verbo de estado, como em (8). Em (9) explicita-se, por meio da forma verbal εἰρηται, traduzida pela passiva de estado “está dito”, a condição de enunciado do texto narrativo, que visa um determinado destinatário. Por outro lado, (10) concede destaque absoluto ao destinatário, deixando elípticos o sujeito e a predicação.

Já o destinatário de (11) apresenta-se como *meta* da ação (= “censurar”) predicada à fábula. E o epimítio (12), por sua vez, particulariza-se por explicitar dois destinatários que desempenham diferentes papéis semânticos: o primeiro é posto como *beneficiário*, a quem se recomenda que se aproprie do texto narrativo e faça uso dele para agir sobre o segundo destinatário, posto como *meta* da ação potencial do primeiro.

Vê-se, pois, que as fábulas anônimas apresentam uma riqueza muito grande de padrões de estruturação discursiva de epimítios, podendo-se constatar também que, se o enunciado moral pode não estar explícito, o mesmo não acontece com o enunciado metalingüístico: ele se encontra explícito lingüisticamente em praticamente todos os epimítios, constituindo exceção única o epimítio da fábula “Os carvalhos e Zeus”, comentado antes, cujo discurso metalingüístico é de natureza suprasegmental.

Uma outra constatação que merece registro é a seguinte: dos 347 epimítios que trazem explícito segmentalmente o discurso metalingüístico, 67 se constituem unicamente de enunciado que expressa esse discurso, e os 280 restantes explicitam, subordinado ao enunciado metalingüístico, o enunciado moral. Conclui-se, então, que são absolutamente predominantes, na coletânea de fábulas anônimas, aquelas que realizam o esquema discursivo proposto por A. D. Lima, que prevê a articulação de três discursos: um discurso narrativo, um discurso metalingüístico e um discurso moral.

Há que se considerar, ainda, que o isolamento do discurso metalingüístico permitiu o levantamento de um conjunto de frases e de sintagmas que, dada a freqüência com que se reiteram nos epimítios, podem ser considerados como verdadeiras construções formulares, ocupando, todas elas, no todo ou em parte, a posição inicial do epimítio. Pode-se, portanto, denominá-las “fórmulas metalingüísticas”.

É necessário diferenciar-se, nesse conjunto de fórmulas, as construções de natureza gramatical, como “assim”, “assim também”, “pois bem, portanto, também”, que relacionam o texto narrativo com o texto moral tomados como *eventos lingüísticos*. Já as fórmulas que se compõem dos sintagmas “a fábula” ou “o discurso” são de natureza lexical: elas têm por função estabelecer a coesão entre o texto narrativo e o texto moral por meio da referência ao primeiro enquanto *entidade lingüística*.

O caráter formular de tais construções faz pressupor a existência, na cultura grega, de um paradigma de fórmulas metalingüísticas apropriadas para a elaboração de epimítios. Tal fato pode ser comprovado pela ocorrência de marcas de elipses formulares em epimítios como (4) e (10), citados anteriormente.

Epimítios introduzidos pela conjunção “que”. (= οτι) ou pela preposição “para” (= προς) obrigam a que nós, leitores modernos, busquemos em algumas das estruturas formulares completas de outros epimítios da coletânea os possíveis itens ausentes

da construção elíptica. Assim, a conjunção “que” admite que se recupere, para completar sua condição de fórmula, uma estrutura do tipo “a fábula mostra” ou “o discurso ensina”, por exemplo. A preposição “para”, por outro lado, obriga a recuperação de uma das estruturas que apresentam destinatário explícito, seja “a fábula é oportuna”, seja “esta fábula qualquer um pode usar”.

Vista, porém, da perspectiva do leitor grego, a recuperação dessas estruturas elípticas deve ser colocada de outro modo: esse leitor não precisava recorrer às outras fábulas da coletânea para preencher as elípses. Ele, com certeza, recuperava os itens elípticos em sua própria memória, onde deviam estar estocados, entre os procedimentos discursivos que constituíam sua *competência discursiva fabular*, paradigmas de construção de epimítios, entre os quais estavam as fórmulas metalingüísticas.

Essa constatação sugere que se examine a fábula anônima como documento de um estágio da história da fábula esópica em que esta já se encontrava fixada como tipo discursivo composto de texto narrativo e de epimítio. Afinal, o estilo formular e as construções elípticas constituem provas decisivas de que o epimítio esteve, necessariamente, sempre presente no processo de fixação do gênero discursivo, como parte integrante da fábula esópica.

DEZOTTI, M. C. C. – Metalinguistic formulae of aesopic fable. *Alfa*, São Paulo, 33: 23-28, 1989.

ABSTRACT: The articulation of the “story” with the “moral” of fable is given by means of metalinguistical operations. In the Aesopic fables such operations are realized by formulaic constructions. This fact makes it possible to presuppose the existence, in Greek culture, of a stocked paradigm in the linguistic competence of the Greek speaker.

KEY-WORDS: Aesopic fable; epimythium; formula; metalanguage.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ADRADOS, F. R. – Prolegomenos al studio de la fabula en epoca helenistica. *Emerita* (XLVI): 1-81, 1978.
2. ADRADOS, F. R. – Problemas de la crítica textual en la transmisión de la fábula greco-latina. In: *La Crítica textual y los textos clásicos*. Universidad de Murcia, 1986. p. 131-144.
3. CHAMBRY, E. – *Esopé. Fables*. Troisième tirage, Paris, “Les Belles Lettres”, 1967.
4. LIMA, A. D. – A Forma da Fábula. *Significação* (4): 60-69, 1984.